

Exercício no Caminho

Publicado em:

Periódico Héstia

Curitiba, v. 01, 2017

pgs. 26 - 44

www.periodicohestia.org

Exercício no Caminho

(Palavra, Visão / Extensão, Previsto)

Luiz Alberto Thomé Speltz Filho*

I – Palavra

É de hábito que se fale e se repita que *palavra é isto*, um conjunto de letras ou fonemas, um que de significado, algo de conceito, um nome que corresponde a tal ou tal coisa e mais, sempre mais. Mas, aqui, em um empenho pessoal, em tom confessional, justamente por não entender e assim estranhar o que se fala sobre palavra, tentarei pensá-la, escrevendo, sendo sincero quanto ao que vejo e caminhando na reflexão até onde me for permitido.

Não direi, portanto, que palavra é o termo da escrita ou coisa similar, pois isso, parece-me, é apenas um jeito de palavra, um *tipo*, algo que surge por seu intermédio, como uma espécie, uma formalidade da qual eu mesmo me utilizo, mas que não é a palavra mesma. Mais fundamental do que isso, mais essencial — e assim mais simples — do que dizer que palavra é um elemento da língua ou um agregado simbólico, é concordar apenas que ela é o *deixar-ver*, o *permitir*, a *abertura*, é o *ser meio* — *ser meio* de aparecimento, de *visão*. Como o ar, enquanto abertura que mostra, a palavra é aquilo através de que é possível ver, servindo de passagem e assim traduzindo o que é de atenção. Eu não a vejo, não a conheço diretamente, pois, por ser *caminho*, e não algo de correspondência, eu a atravesso e me dirijo sempre para *além*, para o *horizonte*, mantendo-a esquecida a

* Endereço eletrônico: Luiz.speltz88@gmail.com.

cada passo que dou, mantendo-a esquecida a cada *coisa* que encontro. Aqui, então, *palavra mostra, ela deixa-ver*, e, no instante em que isso acontece, no instante em que algo, uma letra, um som, um texto, uma imagem ou o que for aparecimento, emerge em seu através, ela se oculta, como uma fenda ou como uma janela que, escancarada, mostra o que lhe surge apenas enquanto não é vista ou, melhor, apenas enquanto transparece *visão*.

A palavra, no entanto, não se abre de modo autônomo, ela não escolhe se abrir, é preciso de um imperativo que o faça, é preciso de um oriente, de algo que lhe seja o destino, a direção, *pois não é possível haver caminho sem destino*. Mas quem dá o destino? Quem dá a direção? É quem está falando? Sou eu quem dita para onde se deve ir? Não, não me parece que seja assim. A minha escolha está em apenas me deixar falar, em me esforçar por ir, *por caminhar na direção*. Eu, como falante, embora distinto da palavra mesma, tenho o seu modo, o *modo de caminho*, sou um *tipo de palavra*: sirvo então de passagem para o que se quer mostrar, e não mais do que isso. Não apenas eu, aliás, mas todo aquele ou aquilo que, de alguma maneira, *fala*, todo aquele ou aquilo que *mostra*. Porque palavra não é o que sai da minha boca, não é, como já disse, um termo ou sonorização, mas o que permite que isso apareça. O que então dá a direção? O *horizonte*. O horizonte é quem o faz. Mas o que é isso, o horizonte? A princípio, não há como saber (*ver*), pois, como ele é sempre além do limite da visão, não é possível que se mostre ou que seja mostrado, sob pena de perder a horizontidade. De todo modo, a direção, o sentido, como e enquanto *visão*, está sempre aí, sempre sendo dada, o que de certa forma pode me servir de meio para pensar o assunto. Então, que assim seja.

O *horizonte* é o que abre o caminho. Não como a foice que, ceifando a brenha, alarga a carreira, mas como o pretendido, o *determinado*, o *fim* que orienta, o *para que* a foice irá cortar, pois, antes de franquear a carreira, antes de ter um *por onde* ir, é preciso de um *para que* ir, é preciso de um *pre-visto*. O previsto, aqui, cabe anotar, não é o resultado de uma série de cálculos em vista do vindouro, não é uma conjectura ou suposição sobre o amanhã, ele é, em verdade, o que abre a palavra, e por isso dá a visão; ele é o que, sobretudo, sem interferência ou interposição, impera: ditando o que é o *possível*.

Não há caminho se não houver o horizonte ou, então, *não há palavra se não houver o previsto*. No entanto, ainda que o horizonte seja o responsável pelo caminho, dando-lhe a direção, ele também é o que provoca o seu ocultamento, faz-lhe algo recôndito, capaz de ser percebido apenas indiretamente por quem o ultrapassa. Isso porque, sendo ele o *para que* do próprio caminhar, a sua via de acesso é o que deve ser negado, o que deve ser *superado*, e não o ponto onde se repousa ou se pode ficar. A atenção está sempre no destino — e a palavra é não mais do que *meio* para isso. Se a ela fosse possível ocupar o lugar do horizonte, como o *para que* de seu próprio abrir, não seria caminho para aquilo que lhe dá sentido, ficando sem direção — o que não é possível, porque já não seria mais meio *de e para* nada, não seria mais *caminho*. Uma janela não é aberta para ela própria, mas para o que a ultrapassa, para o que a supera. Se o propósito não fosse o de ser *abertura para*, simplesmente não haveria janela.

O caminho se oculta para que o previsto apareça, esta é a intenção, mas esse *ocultar-se* não acontece de modo a esconder uma

possível imagem do caminho, como se o previsto não o deixasse ver em sua aparição própria, *ele* acontece desde o *irromper* do caminho, que em essência já é o ocultar-se em benefício do previsto. Fundamentalmente, o caminho, a palavra, é apenas o hiato: o *porque* de passagem. Desse modo, quanto mais eu falo sobre a palavra, mais a atravesso; quanto mais a tento ver, mais me perco no que lhe surge. Ela está sempre se calando para que o caminhar se dê. E como é possível então que eu afirme algo sobre a palavra, sobre esse silêncio? Como é possível que eu a admita? Não o faço, pois, embora a tente colocar à frente quando uso os termos “caminho”, “meio”, “palavra”, “abertura” etc., não tenho com isso mais do que *visão*, imagem, também então *alegoria*, de modo que me engano se acho que a estou sabendo simplesmente por isso.

A palavra, por princípio, é minha desconhecida, minha ignorância, e eu só tento falar a seu respeito porque a prognostico desde um estranhamento com o que surge em seu através, isto é, desde um *estranhamento com a visão*, desde um *não ver o que se espera ver naquilo que se mostra*. Desse modo, mesmo que eu não consiga conhecê-la diretamente, observando-a em si mesma, ainda é possível que o faça de modo indireto: não a ponto de vê-la, é claro, mas de *presumi-la*, de *percebê-la obliquamente*. Porém, para que eu mostre como isso acontece, como é possível presumir palavra, é preciso entender o que é isso que lhe aparece e que eu estranho, o que é isso que é *visão*.

Como as coisas (para não dizer, simplesmente, que ela é também as coisas) que, através do ar, aparecem, a *visão* é tudo que é mostrado no seio da palavra, tudo que nasce (tudo que se vê) enquanto a palavra mesma se oculta. Mas o que faz com que ela

apareça? Desde onde surge visão? Desde o previsto, desde o já pretendido aparecimento, pois o previsto é o imperativo que origina o caminho — e, porquanto, que origina o que nasce através dele, de modo que o surgimento da visão concerne apenas ao horizonte, ou seja, diz respeito ao que é *além do caminho*, ao que é o *para que*. No entanto, mesmo sendo algo do *além*, a visão não se dá como ele, como *determinado*, como *acabado*, ela não é um *fim*, não é suficiente, não é *suficiência*. O seu onde de acontecimento é justamente a palavra, e, assim, estando sempre *encaminhada*, ela é efêmera, passageira, é algo em que não se permanece, *algo que se atravessa*.

A visão é *mediata*, ou seja, seu surgimento se dá através de um meio, em mediação. A rigor, então, ela é o *se mostrar de algo através de outro*. Mas é o *se mostrar* de quê? Se a palavra é abertura *para o* previsto, a visão não poderia ser nada senão o próprio previsto se intermediando, anunciando-se, mostrando-se. E é justamente aí que aparece o ponto delicado, pois o previsto, em si mesmo, é *imediatamente*, sendo sempre a diretriz: precedendo, sendo o primeiro, e, portanto, abrindo o caminho, mas jamais permanecendo nele. Como poderia, então, acontecer da visão ser *o previsto se intermediando*? Ora, o previsto não se intermedia colocando-se *no* caminho, mas abrindo-o para si mesmo: dando a direção. No instante em que o faz, no entanto, *imediatamente*, já não está na abertura, pois da sua ausência ela depende, mas a intenção, a direção da abertura, essa, sim, está: abrindo-a, mantendo-a como é. Isso é a visão: a intenção, o instante de abertura do caminho nele mesmo: o sentido do próprio caminho: o *para o horizonte*. Ela é a projeção do previsto para ele mesmo, é dizer: a *aparição mediada do imediato*, como a imagem do *previsto*, a emulação, o sentido, mas uma imagem incapaz de lhe reproduzir a *imediatidade*, ficando sempre ao modo do caminho mesmo, da

palavra, sendo *tipo de caminho*, *tipo de palavra*, tal como uma flor que, sendo esculpida em mármore, permanece ao modo desse.

A respeito do caráter mediato da visão, então, dois pontos devem ser considerados: o *primeiro* é que ela, como dito acima, embora imagem do previsto, tem ainda o modo do caminho, isto é, é *algo de passagem*, *tipo de palavra*, *espécie de acesso*, não podendo ser pensada como uma paragem sem continuidade, como algo acabado. O *segundo ponto* é que a visão, sendo a emulação do que a faz nascer, é *falsificação*, *alteração*. Dessa maneira, porém, ela não é o oposto do previsto, não é a sua negação, mas a *emissária* dele, pois, mesmo sem mostrá-lo em imediatidade, *anuncia-o*, *faz-lhe esperado*, e assim, *positivamente*, é algo como um sinal, um aceno, um apelo do próprio previsto. E o que é esse aceno? O que significa ser o *sinal do previsto*? Logo retornarei a essa questão.

II – Palavra e visão

Já no início, no segundo parágrafo do texto, utilizei o ar como paradigma de palavra, como um *modo* de entendê-la. Não o pensei, porém, em termos formais, pois, tal como a palavra, aqui, não é um elemento próprio ao estudo da linguística, o ar também não deve ser visto como um composto de gases ou de substâncias ou de *coisa* de ciência. Pensei-o apenas como um modelo de *abertura*. No entanto, mesmo que inicialmente tenha me servido, é preciso reconhecer que a sua imagem, ao invés de ajudar, pode prejudicar o entendimento. Isso porque o ar está sempre aí, aparecendo, como abscissa, como amplidão, dimensão ou, ainda, como profundidade, espessura, perspectiva. Nesse sentido, ele tem jeito de ser, é assim visão, *tipo de palavra*, e não a palavra mesma.

Em mais adequado modo, num esforço de entendimento, *a palavra* deve ser pensada não como ar, mas como *mundo*. Aliás, *palavra é mundo*.

Eu não vejo mundo, tal como admiti não ver palavra, eu vejo as coisas que nele surgem: terra, mar, árvores, nuvens..., mas essas coisas não o são. O mundo é meu desconhecido, minha ignorância, e justamente por não o conhecer, por não o ver, é que nele é possível todo aparecimento. Assim, não devo entendê-lo como o conjunto das coisas que se mostram, não devo entendê-lo como planeta, como *coisa*, pois mundo é justamente o *porquê* do aparecer, e não, como as coisas, o *o quê*. Não quero dizer com isso que ele é o espaço (a distância) que permeia e envolve os astros ou coisa similar, pois o espaço mesmo e todos os astros também são aparições (visão) que surgem nele — e somente nele.

O *mundo é transparência*: não como uma propriedade que comporta a transmissão da luz, mas como o que, através de si mesmo, possibilita tudo. No entanto, ele não é dimensão, não é profundidade, como um vazio que me encaminha às coisas, ele é abertura na aceção mais severa: não há nada que o congestionue, não há nada que lhe seja cumulado, pois, do contrário, não haveria abertura, e sim estado de ocupado, de obstruído. Não obstante, diferente do mármore, que é espaço no qual se pode esculpir flor, o mundo não é um *algo* em que se pode fazer *algo*, razão por que a visão não pode ser e não é “talhada” nele. O mundo não tem espaço, não é espaço, não é superfície, não é nada disso, ele é apenas caminho para o previsto.

O *mundo é palavra*. Ele é o *onde* da visão, mas esse *onde* não é um terreno ou um ambiente, é apenas abertura, meio. O lugar em

que eu piso, do qual também faz parte o meu corpo, e assim estas mãos que escrevem e os olhos que leem, isso já é sempre visão, ou seja, é o que aparece no seio do mundo e através dele, tal como corpo, mãos, olhos e qualquer outra *coisa*. O mundo não é um lugar em que as coisas se instalam, não é o vazio, o vácuo espacial, e tampouco um ponto ou demarcação, pois ele não é, enfim, lugar nenhum. O que há no seu seio não lhe ocupa uma região, mas surge desde a sua permissão, ao modo de uma porta que, enquanto aberta, me deixa passar, mas, por ser apenas um duto sem alargamento, sem profundidade, *não tem lugar* para que eu lhe insista, permitindo apenas que eu vá ou vá — e só assim ela é e está sempre aberta, é sempre porta.

Tudo que surge no mundo é mundano, tem o modo de abertura, é *tipo de palavra*: visão. As coisas que percebo, portanto, sejam quais forem, são ultrapassáveis: não apenas como algo do qual um viajor passa ao lado e abandona, mas no sentido de que são, em si mesmas, excedíveis: são *tipos de abertura* na qual se pode encontrar outras coisas, outros *tipos*, mais visão. No entanto, embora sempre permitam o ultrapassamento, sejam sempre mundanas, elas não são o mesmo que o mundo, pois, como e enquanto visão, como e enquanto *falsificação*, são também *signal do previsto*, são um traço do *além* do caminho, do *além* do mundo, são, assim, encaminhamento, encaminhação: direção. Não obstante, por surgirem desde o fim e, de certo modo, por me orientarem em sentido a ele, a mundaneidade das coisas está sempre dissimulada, esquecida, *como o mundo*. Porém, se por apenas um instante eu me aproximo de algo, de uma coisa, de uma flor, por exemplo, e a observo, a dissimulação desaparece e o seu caráter de mundo se revela: não porque vejo efetivamente a flor, mas porque *de súbito* me

dou conta de que não a consigo ver, mas apenas ultrapassá-la. Em meu empenho em admirá-la, perco-me no que lhe surge e a excedo: indo para as folhas, para o caule, ao pólen, às pétalas, às sépalas, à cor, às partículas... e onde está a flor mesmo? Quanto mais a observo, mais a atravesso, caminhando entre tudo que a possa “constituir” e até entre o que lhe está *aparentemente* separado: como as abelhas, o mel, o fruto da árvore e todo o resto das coisas. Não consigo me fixar naquilo que me aparece, estou sempre transitando a flor, vasculhando, procurando descobrir o que me a mostre, e só vejo as suas “partes”, isto é, mais visão... Nesse de repente, então, em que percebo não encontrar a flor, em que me apercebo de que não reconheço aquilo que estou tentando ver, espanto-me e assim a pergunta emerge: o que é isso, a flor? Ante a essa questão, vem o prognóstico de que ela, enquanto visão, não é conclusa, mas aberta, de modo que o trânsito sobre ela (esse percorrer e ultrapassar) fala mais a seu respeito do que qualquer outro “componente” (outra “parte”) que eu lhe possa encontrar. *A flor tem o modo de mundo, então deixa-ver sempre mais visão.* Suas “partes” *não participam* dela, isto é, não são parcelas, fragmentos ou pedaços da flor, mas são coisas acessíveis *por* seu intermédio, *por que* flor. Isso não se restringe à flor, aliás, estende-se a todas as coisas que percebo, pois, em geral, *nada possui partes*, tudo é *modo de passagem, tipo de abertura* para mais visão, tudo é visão.

III – Sinal do Previsto

Um sinal é uma marca, um aceno, um índice a partir do qual é possível reconhecer algo. Ele serve para fazer ver aquilo que *não aparece* imediatamente. Um médico, por exemplo, a fim de diagnosticar uma infecção em seu paciente, precisa que lhe seja

evidente ao menos o sintoma, *o sinal*, pois esse sintoma, à luz, fará com que ele compreenda a enfermidade e possa dar o devido encaminhamento ao caso. Mas como o sinal mostra a infecção? Não é ele que a mostra, mas a infecção que se faz ver no próprio sinal. Isso por que o sintoma não é um *efeito* da enfermidade, não é uma consequência, não é o fim de uma relação causal cujo princípio pode ser deduzido através de uma sua análise. Ele é, em verdade, um *tipo de abertura* onde a visão necessariamente surge, um tipo capaz de deixar-ver a própria coisa, a própria infecção, através de um meio que não parece ser o dela. O sinal, nesse sentido, é uma *alegoria: um modo de se mostrar através de outro*. A infecção se mostra, ela mesma, através do sintoma, por que sintoma.

No exemplo da flor no mármore, o sinal que permite que ela seja vista é a sua própria aparição *no mármore*, é a sua *alteração*. O mármore, enquanto coisa, enquanto mundano e alegórico, também tem um modo tradicional de aparecimento, um modo básico, o qual é, de certa maneira, alterado quando a flor *irrompe*. Isso, a *irrupção*, lhe garante uma abertura num sentido específico e estranho ao seu tipo simples, ela lhe dá tendência: uma direção outra de visão, mais visão. Reconheço a flor esculpida não porque o mármore a reproduz e minha mente liga as duas formas, a de rocha à vegetal, como se se correspondessem, mas porque no mármore está aberta a possibilidade da própria flor, isto é: eu vejo a flor *através* do mármore, graças a uma *alteração* de seu modo habitual ou, melhor, graças a uma *variação do e no próprio mármore* — uma variação, no entanto, que não o extingue, não o modifica essencialmente, pelo contrário, pois, em sendo *alteração* (isto é, *visão, falsificação*), evidencia o seu sentido mesmo, mostra-lhe o próprio fundamento: ser *tipo de caminho*. A alteração é sempre um *se abrir para outro*, é *ex-tensão*. As

duas flores não são duas, mas uma, pois no mármore, em seu através, não há outra coisa senão a flor mesma aparecendo. A irrupção da flor, então, é o *jeito de abertura* de flor, o modo como *essencialmente* ela deixa-ver a própria *essência*, o *modo* como ela mesma se altera, se estende: o modo flor, e não mais do que isso. Assim, um escultor, por exemplo, não é aquele que modela, talhando, uma figura, mas aquele que fende a rocha, que a abre para si mesma, essencializando-a, e assim, em seu através, transversalmente, a figura ela mesma (em irrupção própria) aparece. Esse trabalho de fissuração, de fendição, não é o de simplesmente estilhaçar, destruir, como se a mostraçã viesse com o desvendar o que está por trás da rocha, do mármore, mas é um trabalho de outra ordem, um trabalho de busca pelo fundamento, em fundamentando, de busca pela essência, em essencializando, de busca pelo mármore, no mármore, em marmoreando. É na essência do mármore que a flor aparece. Esse é um trabalho, portanto, de criador.

Por ser um tipo de abertura, o sinal tem modo, tem jeito, de maneira que o seu aparecimento segue um rito, como notas musicais que seguem uma escala. A irrupção da flor se mantém ao modo do mármore, seguindo a escala desse, explorando-a. Sua alteração (a alteração no mármore), como dito acima, não significa a sua extinção, mas uma *variação* no seu modo, um *aprimoramento* dele. Essa alteração, contudo, no fundamentar o mármore, é muitas vezes capaz de ocultá-lo (e, mesmo, deve ocultá-lo), a depender da mão do escultor, que pode fendê-lo de modo mais elaborado, mais essencial, e tornar a visão do que se quer, paradoxalmente, mais clara do que o seu fundamento, justo fundamentando. Nesse caso, então, o meio através do qual o sinal aparece (o fundamento, o mármore) é dissimulado, deixa de ser visto, de maneira que o

próprio sinal, que é um modo de se mostrar através de *outro*, também não é mais visto como tal, o que faz com que as coisas se confundam e a *abertura* ou, melhor, o *tipo de abertura*, a visão, seja esquecido: torne-se hábito — e, por isso, fundamento.

A visão é um traço (um aceno) do além do caminho, mas isso não significa que ela é propriamente além. O seu onde de surgimento ainda é o mundo. Ela é, portanto, uma variação do previsto (*desde o previsto*), mas uma variação, a rigor, *no* mundo (é dizer, o mundo é variado). Porém, disso, duas perguntas emergem: i) o que poderia ser variado no mundo, no caminho?; e ii) se o previsto é além do caminho e além da visão, o que (ou como) poderia ser o seu sinal?

O caminho poderia ser *variado* se ele mesmo fosse visão, isto é, se ele mesmo fosse sinal, o que implicaria dizer que estaria em um meio, que fosse mediato. Porém o caminho não está em meio nenhum, ele é o meio originário, seu caráter é de plena abertura, é transparência, por isso é que não está submetido a nada. Sua única determinação é a de não possuir determinação, pois, se a possuísse, não seria *simplesmente abertura*. Ele é o que se pode chamar de “liberdade para o previsto” ou, ainda, “liberdade para o determinado”, e não mais do que isso. Aparece, no entanto, nesse ponto, uma questão: se o caminho não suporta o previsto, não suporta a imediatidade, como ele pode ser abertura para ela? Como ele pode ser *liberdade para o determinado*, se não é capaz de deixá-lo à vista? Diretamente, de fato, o mundo não o faz, porque não pode, mas, *indiretamente*, sim, justamente na visão, em seu sinal, naquilo mesmo capaz de anunciar no seio do caminho o que não está nele, o que é além. — Esse *além*, é preciso esclarecer, não é um lugar

outro fora do mundo, não é uma dimensão póstuma ou coisa do tipo, mesmo por que o mundo não é lugar, não é referência, não é nada que possa possuir um *depois*. O *além* é simplesmente o superado do mundo, isto é, o ser determinado: o responsável por abrir mundo e dar direção. Mas, voltando à primeira pergunta do parágrafo anterior: o que no mundo, na transparência, pode ser variado a fim de que o previsto esteja indiretamente aberto na forma de um sinal? A rigor, nada pode ser variado, pois não há o que variar. O caminho é possibilidade para tudo, mas ele mesmo não é nada, ele não é coisa nenhuma, não é espaço, não é visão, a sua condição é a de simplesmente não ter condição. Ele é *indeterminado*, é apenas meio. No entanto, é preciso lembrar que variar *não é infringir*, não é *desvirtuar* uma *coisa* em outra. Variar, antes, tal como descrito acima, é *essenciar, fundamentar*. O sinal do previsto no mundo é — e tem que ser — uma variação no mundo (enquanto mundo), e isso não elimina ou contraria a sua essência (o seu nada), pelo contrário, isso fundamenta mundo, torna-o o que é, faz-lhe caminho, meio, palavra, faz-lhe liberdade, faz-lhe nada.

Mas como o caminho se torna o que é? O caminho se fundamenta (e é fundamentado), torna-se o que ele é, fazendo de si mesmo fundamento, essência, sentido, fazendo de si o próprio anúncio do previsto ou, melhor, *o sentido do previsto*. Isso é alteração, variação, isso é o caminho se tornando caminho, o caminho se fundamentando, em sendo caminho *para*, se essencializando. E ele o faz na medida em que se oculta em si próprio, se oculta na essência (ou não-essência). O sinal do previsto, portanto, é isso: o caminho se fazendo caminho, o fundamento se fundamentando e, por isso, se ocultando em si e se abrindo para o previsto, sendo liberdade para ele. Mas, aqui, surge ainda outra questão: no início do texto, eu

falei que o caminho não se abre de modo autônomo, que ele precisa de um imperativo que o faça, de algo que lhe dê a direção, o sentido. Então, por que agora eu pareço afirmar o oposto? Ora, quem dá a direção é o previsto, mas essa direção é justamente a *liberdade para o próprio, para si*, liberdade para se fazer caminho, liberdade de retorno, de volta, a fim de que ele mesmo, o previsto, seja alcançado. O sinal do além ou, melhor, o sentido do previsto é o sentido do caminho, pois *a essência do caminho é o outro e a essência do previsto é ele mesmo*. Isso é visão, isso é extensão.

IV – Extensão

A extensão é a falsificação do horizonte, ou seja, ela é o sentido do determinado enquanto sentido da própria palavra, enquanto indeterminado. Por princípio, então, tudo que há no seio da palavra é — e precisa ser — extensão. Isso não quer dizer que ela é um atributo da visão, não quer dizer que as coisas podem ou não ser extensas, mas, sim, que *a visão é propriamente extensão*.

Em outro termo, a fim de ajudar o entendimento, pode-se pensar a extensão como *de-finição*, isso por que o sinal do horizonte no mundo é também o sinal do *fim* do mundo: não como notícia da destruição planetária ou coisa do tipo, mas como *determinação*, como *conclusão da transparência* — ou como dissimulação da mediatidade. A *definição*, porém, não é um sinal, um anúncio, no sentido de dar recado ou de passar uma informação, mas no de, em si mesma, *tender ao fim*, ou seja, de ser um *tipo de abertura para o determinado*. Desse modo, ela é um [*processo de*] *acabamento*, adiantamento, perfazimento, finalização (refinamento). A flor, por exemplo, enquanto extensão (e ela é só extensão), não é a sua forma, as suas arestas, o seu tamanho, o seu desenho, nada disso, ela é a sua

formação, enquanto *acabamento*, que é o processo por meio de que ela se fundamenta e se torna o que é, ou seja, *se torna um tipo de caminho para o horizonte*. No entanto, ela somente o faz na medida em que permite o surgimento do *sentido do fim* em si mesma, pois a flor não pode ser um tipo de abertura *para o* previsto se o seu sentido (o sentido do horizonte) não estiver nela e se ela mesma não o for.

Todas as coisas são extensão, definição, e estão sempre sendo e possibilitando em si mesmas o anúncio do fim do mundo. Nesse sentido, elas não são definidas, não são acabadas e, portanto, não podem ser confundidas com aquilo que anunciam — e *apenas* anunciam, em *anunciação*. No entanto, aí surge um problema, pois, porque sinal do previsto, espera-se nelas a sua mostraçãõ, espera-se nelas a aparição do próprio previsto, do definido, o que não acontece, pois não superam o indeterminado: elas são, ainda e sempre, definição, [processo de] *acabamento*. Desse modo, deixando-ver somente mais anúncio (mais tipo de abertura, mais *o quê*) onde se espera o *para que*, a extensão, como inacabada e incompleta, é também *o inesperado, o estranho, aquilo por meio de que não se realiza (não aparece) o que se espera que sempre apareça: o fim*.

Porém, também por isso, por ser *o inesperado, o estranho*, é que, nela, na visão, o caminho, a *palavra*, pode ser presumido. Ora, um engenheiro, ante uma *operação* deficiente, não percebe a falha em si mesma, não vê a inófia aparecendo (pois o que falta não aparece), mas percebe a *não ocorrência do perfeito*, do acabado, do findado, e é *somente isso* que o faz presumir a falta mesma. A percepção da falha é sempre oblíqua: vem em virtude da *não ocorrência* do que já era o esperado, do previsto, do horizonte. Do mesmo modo, a *palavra* é indiretamente percebida apenas em virtude da percepção do *não*

determinado (da não aparição do *determinado*, em determinação), do *não definido* (em definição): da extensão. E aqui surge algo interessante: *justamente por essa percepção indireta do caminho (do indeterminado) é que o horizonte se anuncia*, pois só é possível saber do (ver o) fim se me dou no seu caminho. Voltando ao exemplo do engenheiro: é porque ele percebe o não acerto (tentando acertar, esperando o acerto) ou, melhor, é porque ele percebe *indiretamente* a falha, que a possibilidade do acerto mais uma vez emerge: a calculação, a visão, a anunciação.

Assim, a extensão, enquanto refinamento, acabamento, ou seja, enquanto processo de fim, é sempre também um *processo de abertura para o fim*, e, nesse sentido, é também um *processo de retorno ao princípio em se principiando*, isto é, retorno àquilo mesmo que abre o caminho e que dá a direção, que dá a própria extensão. A rigor, então, a extensão é um processo de retorno à sua criação, de retorno ao nascimento, e faz isso se deixando criar por si mesma, sendo recriação (em se criando), sendo renascimento (em renascendo), sendo aquilo que *não mostra* o caminho mesmo para o previsto, pois ele jamais é visto, jamais é percebido, mas *mostra o seu instante de acontecimento*, o seu irromper, isto é, a sua *irrupção*, a sua geração, mostra o que é *visão*.

Sendo um processo de abertura para o seu instante de criação, a visão, mostrando-se, é o próprio *surgimento*: o nascimento: o expandir-se em se expandindo: a extensão. Esse surgimento, abrindo-se e entreabrindo-se, revela o não acabado, revela o que ainda não é fim. O caminho então é presumido, e, quando isso acontece, repito, *o horizonte se anuncia*: extensão. Se estou diante de um lago calmo, sereno, a refletir o céu, perco-me na reflexão e não

vejo o lago, apenas a imagem das nuvens, dos pássaros, do azul. Mas, se o vento toca a água e então, em ondulação, a imagem se distorce, falha, trunca, faz-se incompleta, posso dizer: aí está o lago, isto é, aí está o caminho para que eu me volte para o determinado, o perfeito, o acabado, o esperado. Todas as coisas são essa ondulação — ou, como no caso do engenheiro, calculação. O céu, a terra, o lago, o ar, tudo é só esse instante em que indiretamente se revela — ou se *pretende* revelar — o fundamento do céu, da terra, do lago, do ar, de tudo.

A extensão é *o abrindo-se, o expandindo-se em benefício do horizonte*. Não se pode dizer, no entanto, que esse modo, *o expandindo-se, a expansão*, ocorre nos termos de uma métrica, como um aumento de tamanho ou de volume ou de qualquer outra grandeza, pois esse tipo de coisa é passível de consideração apenas em vias de comparação, o que não é o caso. A expansão é, em verdade, uma *conversão* ao horizonte, uma *tendência ao fim já se finalizando*. Não como transformação em horizonte ou algo do tipo, pois a visão não pode superar o caminho, tendo sempre o seu modo, mas um converter a si mesma em si mesma, ou, em outros termos, um superar a si em si, uma *superação* (e, para ficar melhor, *autodeterminação*), sem se perder do caminho e, portanto, do próprio sentido. A superação, assim, mesmo que não supere o mundo, é o constante abrir do mundo nele mesmo, como um processo de retorno ao processo de seu próprio nascimento, em nascendo.

A insistente recriação do instante de abertura do próprio caminho é *o caminho se encaminhando*, é o que se chama de “vida” ou, aqui, de “exercício”. Porém, pergunto-me, esse processo não seria um permanecer no caminho, isto é, isso não seria um negligenciar a

ideia de superação? Não seria um modo de perda do previsto? Seria, caso o *sentido* fosse a permanência na palavra, na transparência, porém não o é, e nem haveria de ser, pois o próprio caminho depende apenas do interesse no previsto, depende do querer chegar ao fim dele próprio, que é também o seu “lugar” de nascimento, o seu originar. O *sentido* é sempre em benefício do previsto. *Ele* recoloca, sempre em si mesmo, a questão do fim do mundo, *ele* é o processo de abertura do caminho para o horizonte (para o próprio): o sentido do horizonte, o que todas as coisas são. Isso se torna evidente quando, desde o estranhamento com a visão, desde o inesperado, surge a percepção (como compreensão) de que *tudo está se abrindo em tudo* e de que *tudo está transitando em tudo*. Não há nada no mundo, não há nada no caminho, não há nada na palavra, há apenas palavra se abrindo na palavra, caminho se abrindo no caminho, mundo se abrindo no mundo — e é justamente esse *se abrindo* que é a *extensão*, a *vida*, o *exercício*.

O instante do abrir, a *irrupção do caminho no caminho*, não se dá acidentalmente, pois o sentido no mundo, a extensão, está sempre aí: convertendo-se, superando-se em si, essencializando-se, endireitando-se em direção — de modo que, inclusive, sendo ele próprio a sua própria referência (estabelecendo-se, mantendo-se *em si mesmo*, sem causalidade ou contingência, mas em atenção ao fim: na direção do previsto, *para o* previsto), é possível dizer que o sentido é apenas *um*.

Ademais, a visão, como já mencionado, não é o caminho mesmo, mas se dá nele — e é isso, precisamente, que o mantém sempre se abrindo em si, em constante desabrochar de seu próprio fundamento, fundamentando-se. Tal como o sol da manhã sempre

retorna para sustentar a trilha do oriente, a extensão (a visão) é o *sentido* que encaminha o caminho ao seu nascimento e fim: encaminhando, recriando o instante da criação, não retirando o caminho dele mesmo e não o condicionando a nada — para não dizer “condicionando-o apenas a (e em) si, estendendo-o em si”.

Eu não vejo o caminho, eu não vejo o mundo, vejo apenas a sua *irrupção*, o ponto em que é aberto: o abrindo — e nada a mais.

Todas as coisas, tudo que há acena apenas para isso, tudo é sinal, é retorno *a* e *em* si, retorno à definição, retorno, enfim, ao instante do nascimento. O mesmo retorno, o mesmo irromper do mundo em si mesmo que pode ser visto no trabalho do escultor: o esculpindo, que, no processo de fender a rocha, entrega-a, enquanto rocha (isto é, enquanto sentido do previsto), ao instante de criação. O mesmo retorno também pode ser visto, em particular, no *de repente* que em mim emerge a questão “o que é isso, a visão?”: a *pergunta* não é nada, é caminho, mas o instante que a gerou e também que a retoma, o súbito de seu acontecimento, o meu [processo de] volta *a* e *em* mim mesmo, *ao* e *no* desconhecido, o meu [processo de] retorno *à* e *na* ignorância, *à* e *na* palavra, *ao* e *em* silêncio, isso é o exercício, a extensão: o inesperado, o estranho, a visão.

Publicado em:

Periódico Héstia
Curitiba, v. 01, 2017
pgs. 26 – 44
www.periodicohestia.org

